

A Evasão Escolar no Ensino Médio *School Dropout in High School*

Silva, Francisco Batista da¹

Mendes, Ivanise Nazaré²

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Del Sol - Assunção - PY

² Doutora em Educação, professora e orientadora da Universidade Del Sol – Assunção - PY

RESUMO

Este trabalho trás um estudo sobre o abando escolar no Ensino Médio. Sabemos que este é um problema que atinge escolas de Norte a Sul do país e se torna ainda mais evidente no Ensino Médio, seja ele regular ou no formato de Educação de Jovens e Adultos. Muitos são os fatores que causam o abandono, alguns de ordem pessoal, outros relacionados com a falta de motivação e ainda os fatores relacionados as dificuldades de aprendizagem de certos alunos e em determinados componentes curriculares. Este artigo não tem como objetivo centro encerrar as discussões sobre o tema, haja vista que é um assunto que ainda oferece grandes possibilidades de pesquisa, discussão e análises. No entanto busca trazer um panorama sobre o abandono escolar e evasão escolar, trazendo um norte para outros trabalhos. Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em diversos materiais publicados, como artigos, trabalhos científicos e outros materiais que serviram de base para este.

Palavras-chave: Abandono Escolar. Evasão. Fracasso escolar. Ensino Médio.

ABSTRACT

This work brings a study on school dropout in High School. We know that this is a problem that affects schools from North to South of the country and becomes even more evident in High School, whether it is regular or in the format of Youth and Adult Education. There are many factors that cause dropout, some of a personal nature, others related to lack of motivation and also factors related to learning difficulties of certain students and in certain curricular components. This article does not aim to close discussions on the subject, since it is a subject that still offers great possibilities for research, discussion and analysis. However, it seeks to bring an overview of school dropout and school dropout, bringing a north to other jobs. For this, bibliographic research was carried out in several published materials, such as articles, scientific works and other materials that served as the basis for this.

Keywords: School Abandonment. Evasation. School failure. High School.

1 INTRODUÇÃO

O abandono escolar é uma realidade preocupante que afeta muitos jovens no Brasil. De acordo com dados censo 2022, quase 70 milhões de brasileiros de 18 anos ou mais estão fora da escola ou não concluíram a educação básica. E, segundo a OCDE,¹ um quarto dos jovens brasileiros entre 18 e 24 nem trabalham e nem estudam.

Entre as possíveis causas para esse cenário, estão dificuldades enfrentadas por suas famílias, levando à busca por emprego, ausências frequentes, reprovações, falta de conexão com a escola, gravidez na adolescência, entre outros fatores.

¹OCDE – Organização para Cooperação e desenvolvimento Econômico.

No entanto, o desinteresse em estudar também é um fator significativo, conforme revelado em uma pesquisa do IBGE/Pnad, na qual 38% dos adolescentes entrevistados admitiram não se sentirem motivados para continuar na escola.

A evasão escolar é um problema de ordem histórica para o sistema educacional brasileiro. Como consequência, o fracasso escolar se apresenta como uma problemática, com fatores de ordem pedagógica, ideológica, social, econômica e política, evidenciando assim que não há um único fator e sim um conjunto de ocorrências que colaboram para o fracasso de jovens e adultos dentro da unidade escolar.

Sendo assim, a evasão escolar é uma questão social dentro do cotidiano da escola, sendo notória a necessidade de ações reflexivas junto aos alunos e educadores para promover novas possibilidades na atuação e compreensão do tema.

Este estudo tem como principal objetivo trazer uma visão sobre a Evasão escolar, principalmente no Ensino Médio, já que esta é uma etapa de Ensino que tem mais apresentado crescimento da Evasão e abandono escolar.

2. A EVASÃO E O ABANDONO ESCOLAR

Quando um aluno deixa de comparecer à escola sem aviso prévio, em qualquer momento do ano letivo, ele está praticando abandono escolar. Por outro lado, quando ele finaliza um ano letivo e não se matricula em nenhuma instituição de ensino para o período seguinte, ele comete evasão escolar.

A evasão e o abandono escolar são um grande problema relacionado à educação brasileira. As metas estipuladas pela Constituição Federal de 1988, que determinam a universalização do ensino fundamental e a “erradicação” do analfabetismo, ainda não se concretizaram, mesmo sendo a educação um direito garantido e determinado em seu art. 6º. Neste, a educação – juntamente com moradia, trabalho, lazer, saúde, entre outros – constitui um direito social (BRASIL, 1988), apesar de apresentar deficiências e desagregação entre as diferentes regiões do país. Várias formas de interpretação não permitem definir exatamente “evasão e abandono escolar”.

A diversidade de conceituação atrapalha a quantificação precisa dos casos, dificultando o estudo das causas e dos princípios que podem levar a alternativas claras e objetivas para superação desse problema que perdura até hoje. É basilar a compressão das relações entre os motivos de ingresso e a trajetória dos permanentes, dos desistentes e egressos desse público, dentre muitas outras questões.

A diferença entre evasão e abandono escolar pode parecer sutil, ainda que o abandono

denote uma situação de maior emergência – eventualmente, a evasão pode ter sido planejada com alguma antecedência. De qualquer maneira, são duas formas de um estudante deixar de frequentar os bancos escolares.

Evasão, segundo Riffel e Malacarne (2010), é o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade.

A diferença entre evasão e abandono escolar foi utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998). Nesse caso, “abandono” significa a situação em que o aluno se desliga da escola, mas retorna no ano seguinte, enquanto na “evasão” o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar.

Já o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/Ideb (2012) aponta o abandono como o afastamento do aluno do sistema de ensino e desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência.

Steinbach (2012) e Pelissari (2012) adotam o termo abandono escolar, pois consideram “evasão” um “ato solitário”, levando a responsabilizar o aluno e os motivos externos pelo seu afastamento. Ferreira (2013) chama de “fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que vivencia o aluno em seu cotidiano”. Machado (2009) diz que “tratar da evasão é tratar do fracasso escolar; o que pressupõe um sujeito que não logrou êxito em sua trajetória na escola” (MACHADO, 2009, p. 36).

Nos dois casos, o que acontece é que um ciclo de aprendizagem se quebra em um momento crucial da formação dos jovens. O impacto para a vida, pessoal e profissional, é enorme e difícil de reverter.

De acordo com um levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), entre os trabalhadores adultos, aqueles com ensino superior chegam a receber remunerações até quatro vezes mais altas do que aqueles que concluíram apenas o ensino médio. O acesso à renda abre portas para uma série de oportunidades, inclusive pessoais.

Ferreira (2013) vai além, quando afirma que “o fracasso escolar e a consequente evasão denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que se vivencia no cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia a inteligência do indivíduo²”. Evasão e abandono não têm uma origem definida e por isso não terão um fim por si só. O problema não é a falta de vinculação às políticas públicas, a desestruturação familiar ou ainda as dificuldades de aprendizagem dos educandos, e sim a soma de vários fatores. Conforme o pensamento de Digiácomo (2005):

A evasão escolar é um problema crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes

passivamente assimilada e tolerada por escolas e sistemas de ensino, que chegam ao exercício de expedientes maquiadores ao admitirem a matrícula de um número mais elevado de alunos por turma do que o adequado, já contando com a ‘desistência’ de muitos ao longo do período letivo. Que pese a propaganda oficial sempre alardear um número expressivo de matrículas a cada início de ano letivo, em alguns casos chegando próximo aos 100% (cem por cento) do total de crianças e adolescentes em idade escolar, de antemão já se sabe que destes, uma significativa parcela não irá concluir seus estudos naquele período, em prejuízo direto à sua formação e, é claro, à sua vida, na medida em que os coloca em posição de desvantagem face os demais que não apresentam defasagem idade-série (p. 1).

O abandono escolar é um fenômeno complexo e multifatorial, influenciado por diversos fatores. É essencial entender esses motivos para implementar estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

No Brasil, diversas pesquisas apontaram que o abandono escolar no ensino médio é influenciado pela necessidade de o jovem entrar no mercado de trabalho, seja colaborando com o orçamento familiar, seja para ter o seu próprio dinheiro (ARROYO, 1993; MEKSENAS, 1998). Essa visão pode ignorar diversos fatores que os jovens consideram ao decidir abandonar a escola. Dentre os muitos fatores listados como responsáveis por afastarem os jovens dos bancos escolares, retratados pela literatura, inclui-se a falta de interesse na/pela escola.

Eckstein e Wolpin (1999) mostram que alunos com menor motivação e baixa expectativa de retorno de seus estudos no futuro possuem maior chance de deixar a escola. De forma complementar, escolas com pior qualidade, segundo a percepção do próprio aluno, tendem a possuir maior índice de abandono.

Outros aspectos importantes da escola são currículos, tamanho, relação aluno professor, infraestrutura, excesso de conteúdo. O desinteresse, mesmo com os altos retornos à educação, também aparece como forte motivo que influencia a decisão de abandonar a escola, e entendê-lo torna-se de suma importância tanto para uma melhor compreensão do estado de fragilidade em que esses jovens se encontram, quanto para a produção de um indicador importante na orientação de políticas educacionais que visam a reverter tal quadro (OREOPOULOS, 2007). Assim, em boa parte dos estudos, fica evidente uma dicotomia entre fatores internos e externos como causadores do abandono escolar. Além disso, Stearn e Gleinne (2006) mostram que esses fatores podem variar de acordo com idade, série e grupo socioeconômico a que pertence o aluno. Entre os fatores externos, podem-se incluir: o trabalho, as desigualdades sociais (BOURDIEU, 1998), a gravidez, a necessidade de cuidar de familiares. Já no tocante aos fatores internos, tem-se a diferença de linguagem dos atores escolares, atitudes dos professores, características da direção, o programa pedagógico da escola, entre outros.

3. POR QUE OS ALUNOS DESISTEM? AS PRINCIPAIS CAUSAS DO ABANDONO

Fatores intrínsecos e extrínsecos à escola, como drogas, sucessivas reprovações, prostituição, falta de incentivo da família e da escola, necessidade de trabalhar, excesso de conteúdos escolar, alcoolismo, vandalismo, falta de formação de valores e preparo para o mundo do trabalho influenciam diretamente nas atitudes dos alunos que se afastam da escola. Esses obstáculos, considerados, na maioria das vezes, intransponíveis para milhares de jovens, engrossam o desemprego ou os contingentes de mão de obra barata. Em pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas/ FGV, Neri (2009) afirma que o mercado de trabalho é um ator importante na tomada de decisão desse jovem que teima em continuar seus estudos para que possa ser absorvido por ele, ou desiste e torna-se uma mão de obra desqualificada para garantir sua sobrevivência. As escolas não ficam isoladas desse contexto.

Segundo Dourado (2005):

Todas essas questões se articulam às condições objetivas da população, em um país historicamente demarcado por forte desigualdade social, que se caracteriza pela apresentação de indicadores sociais preocupantes e, que nesse sentido, carece de amplas políticas públicas incluindo, nesse processo, a garantia de otimização nas políticas de acesso, permanência e gestão com qualidade social na educação básica (p. 5).

Reafirmam Gatti et al. (1991) que “os alunos de nível socioeconômico mais baixo têm um menor índice de rendimento, portanto são mais propensos à evasão”. Isso é reafirmado por Krawczyk (2011):

As deficiências atuais do ensino médio no país são expressões da presença tardia de um projeto de democratização da educação pública no Brasil ainda inacabado, que sofre os abalos das mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, que transformaram significativamente a ordem social, econômica e cultural, com importantes consequências para toda a educação pública (p. 754).

Muitas vezes, considera-se, como evasão apenas os casos em que os alunos deixam de frequentar a sala de aula, desconsiderando demais situações de saída do aluno da escola. Exemplificando: o aluno de um curso que realiza desligamento e volta a estudar outros cursos por meio de transferências, como acontece na educação profissional técnica média, pode não estar inserido na situação de evasão. Mas seu caso pode ser visto como um ato de abandono, já que deixou de frequentar as aulas durante o ano letivo.

Segundo Pelissari (2012, p. 33), “o conceito de evasão traz um caráter subjetivista, responsabilizando o aluno pela sua saída da escola, considerando apenas os fatores externos, caindo na armadilha do reproduativismo das relações sociais na escola”.

O Censo Escolar de 2007, analisado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), afirma que a evasão escolar entre jovens é alarmante. Dos 3,6 milhões que se matriculam no ensino médio, apenas 1,8 milhão concluem esse grau. A taxa de evasão é de 13,3% no ensino médio contra 6,7%, de 5ª a 8ª série, e 3,2%, de 1ª a 4ª série.

O Brasil tem, atualmente, 8,3 milhões de alunos no ensino médio, matriculados em 24 mil escolas – sendo 17 mil públicas – e metade destes, conforme o Ministério da Educação, não finalizam seus estudos (BRASIL, 2007). Com um índice de 24,3%, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), só atrás da Bósnia Herzegovina (26,8%) e das ilhas de São Cristovam e Névis, no Caribe (26,5%). Na América Latina, só Guatemala (35,2%) e Nicarágua (51,6%) têm taxas de evasão superiores (UOL EDUCAÇÃO, 2013).

O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/Pnud também revelou que o Brasil tem a menor média de anos de estudo entre os países da América do Sul. Segundo dados de 2010, a escolaridade média do brasileiro era de 7,2 anos – mesma taxa do Suriname –, enquanto são esperados 14,2 anos. No continente, quem lidera esse índice é o Chile, com 9,7 anos de estudo por habitante, seguido da Argentina, com 9,3 anos, e da Bolívia, com 9,2 anos (UOL EDUCAÇÃO, 2013).

Essa questão, além de outras, inerentes ao fracasso escolar, destacadas com muita evidência pelas estatísticas educacionais, segundo Dourados (2005), “resulta de processos sociais mais amplos e que têm sido reforçados no cotidiano escolar por meio de práticas e ações pedagógicas e pelas formas de organização e gestão da educação básica” (DOURADO, 2005, p. 11).

Togni e Soares (2007), referindo-se ao aluno com distorção idade-série matriculado na Educação de Jovens e Adultos/EJA, na tentativa de conclusão do ensino básico, ressaltam que ele busca, na escola, igualdade de oportunidade e formas de não exclusão social. Nessa modalidade, fatores como a evasão escolar acontecem porque, “obrigados a trabalhar para sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do Ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário” (MEKSENAS, 1992, p. 98).

Alguns defensores afirmam que a causa da evasão são fatores internos, como Bourdieu-Passeron (1975) e Cunha (1997), e constatam que a escola é responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos, principalmente daqueles pertencentes às categorias pobres da população, explicando teoricamente o caráter reprodutor dessa instituição compreendida como aparelho ideológico de Estado.

A evasão e a repetência estão longe de ser problemas relacionados às características individuais dos alunos e de suas famílias. São reflexos da forma como a escola recebe e exerce ação sobre as pessoas dos diferentes segmentos da sociedade.

Durante a década de 1980, observaram-se elevadas taxas de repetência. Ribeiro (1991), em “A pedagogia da repetência”, mostrou que era atribuída aos alunos a responsabilidade pelo seu fracasso na escola e que a repetência nas quatro primeiras séries era tão grande que os educandos acabavam por abandonar a escola.

Segundo Aranha (2009), os maiores dilemas enfrentados pelos jovens, na atualidade, no ensino médio, são turmas lotadas – chegam a 50 alunos por sala –, conteúdos extensos e específicos e professores despreparados para lidar com o estágio de desenvolvimento dos alunos. Ao fim do 3º ano, apenas 25% dos alunos demonstram domínio do conteúdo de língua portuguesa e 10% de Matemática. Entre os 10 milhões que têm entre 15 e 17 anos, só a metade está no ensino médio. A outra metade, 1,8 milhão de alunos, desistiu de estudar, e 3,5 milhões continuam presos pelos obstáculos do ensino fundamental. O 1º ano do ensino médio é o que apresenta o maior número de desistências.

Krawczyk (2011) ressalta que “os jovens perdem muito rapidamente o entusiasmo pelos estudos no ensino médio”. Ela busca em Sposito e Galvão (2004) a compreensão de que o jovem pretende uma aceleração do tempo de vida:

Quando chegam ao ensino médio, os jovens orgulham-se, conseguiram vencer a barreira da escolaridade da maioria de seus pais. No primeiro momento começa o desencanto, devido à forma como acontece o processo de ensino, enquanto amizades e sociabilidade passam a ser mais importantes. No terceiro momento, o ingresso na universidade não se configura como uma possibilidade para a maioria, e o desejo de trabalhar ou melhorar profissionalmente também se torna muito difícil de ser concretizado (p. 762).

Outro forte motivo do afastamento são as expectativas do próprio ambiente escolar, o que se espera do aluno, refletindo diretamente nos conteúdos ministrados em sala de aula. Segundo Bourdieu apud Queiroz, (2002, p. 5), “os professores partem da hipótese de que existe, entre o ensinante e o ensinado, uma comunidade linguística e de cultura, uma cumplicidade prévia nos valores, o que só ocorre quando o sistema escolar está lidando com seus próprios herdeiros”. Como cada aluno tem seu próprio arcabouço intelectual e cultural, a falta dessa compreensão por meio do ambiente escolar acaba em alguns casos por afastar o aluno da escola. Nesse caso, as práticas escolares devem, necessariamente, compreender as dimensões políticas, históricas, socioeconômicas, ideológicas e institucionais que envolvem o educando.

Olhando as diversidades que compõem o conjunto de circunstâncias individuais,

institucionais e sociais, Rumberger (1995) afirma que a evasão é um processo muito complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante do espaço da vida escolar. A fuga da escola é somente o estágio final desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste artigo, é preciso haver programas e projetos específicos que aumentem o interesse e a motivação desses jovens em situação de risco e, conseqüentemente, a participação nas atividades acadêmicas e sociais da escola ainda nas classes iniciais, antes que essa situação de risco se torne irremediável. Diversos autores tendem a concordar que o abandono é um processo que começa ainda no primeiro ano escolar.

De imediato, fazem-se necessárias políticas que reduzam a reprovação no ensino fundamental e médio e que, conseqüentemente, melhorem o fluxo escolar. Essas políticas devem ser baseadas não na menor exigência para a promoção escolar, mas na recuperação contínua e eficaz dos níveis de habilidades cognitivas dos alunos nas diversas disciplinas e no aumento da motivação para a conclusão das etapas escolares.

O aluno precisa sentir que está aprendendo e que esse aprendizado lhe trará algum benefício em sua vida. A reprovação deve ser tratada como exceção e última opção no processo escolar e, quando adotada, que o seja por critérios muito bem explicitados e padronizados. De qualquer forma, em nossa opinião, não deve acontecer nos anos iniciais do ensino fundamental e deve ser evitada ao máximo nos demais.

É claro que a mediação familiar é muito importante no caso do abandono, pois a importância que a família atribui à educação, assim como o interesse e o incentivo podem ser decisivos para garantir a continuidade dos estudos, estimulando esforços necessários para a conclusão de qualquer etapa escolar, persistindo apesar dos obstáculos que afligem os estudantes e aumentando a capacidade de lidar com as frustrações.

Os jovens em situação de risco pertencentes às classes econômicas mais baixas perdem duplamente: primeiro, a família não tem experiência prévia para construir um capital cultural que dê a relevância devida à educação e que, de fato, a relacione com o sucesso profissional e uma ascensão social. Provavelmente, a importância que atribuem à escola está muito mais associada à obtenção do diploma *per se* do que à qualidade da educação recebida.

Por outro lado – dada a necessidade de aumentar a renda ou, pelo menos, diminuir as despesas –, é difícil continuar incentivando um aluno que tenha sofrido sucessivos fracassos em sua vida escolar a continuar os estudos. Assim, embora a necessidade de trabalhar e aumentar a renda possa então ser um fator que tenha sua origem na necessidade de subsistência do

indivíduo ou de outros membros de sua família, também se pode presumir que, a partir de certa idade, o jovem de famílias mais pobres se sente desconfortável em parecer improdutivo ficando muitas horas na escola.

Tendo como base as declarações e as respostas dos estudantes aos questionários, parece que a escola tradicionalmente estruturada torna o aprendizado penoso para parte considerável dos alunos. Nessa parcela, estão incluídos os alunos em risco de abandono. Mesmo que esses alunos vislumbrem a possibilidade de maior sucesso na vida pós-escolar se obtiverem o diploma de ensino médio, não parece suficientemente claro para eles que o ganho obtido pelo esforço de completar essa etapa do ensino será devidamente recompensado. Assim, mantê-los estudando é uma tarefa que não pode ser deixada somente para a sua família.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Ana. A escola que os jovens merecem. *Revista Época*, 17 ago. 2009. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-escola-que-os-jovens-merecem/>. Acesso em: 28 maio 2023.

ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 maio 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. *Censo Escolar de 2008*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus>. Acesso em: 28 maio 2023.

CUNHA, L. A. Ensino médio e ensino profissional: da fusão à exclusão. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 20., 1997, Caxambu. Anais [...]. Caxambu, 1997. (Mimeo).

DIGIÁCOMO, Murillo José. Evasão escolar: não basta comunicar e as mãos lavar. 2005. Disponível em: <http://www.mp.mg.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2023.

DOURADO, Luiz Fernandes. Elaboração de políticas e estratégias para a prevenção do fracasso escolar – Documento Regional BRASIL: Fracasso escolar no Brasil: políticas, programas e estratégias de prevenção ao fracasso escolar, 2005.

ENGUIITA, M. F.; MARTÍNEZ, L. M.; GÓMEZ, J. R. *School failure and dropouts in Spain*. Social Studies Collection, Fundación La Caixa, n. 29, 2010.

FERREIRA, F. A. *Fracasso e evasão escolar*. 2013. Disponível em:
<http://educador.brasilecola.com/orientacao-escolar/fracasso-evasaoescolar.htm>. Acesso em:
20 maio 2023.

GATTI, Bernardete A.; VIANNA, Heraldo Marelím; DAVIS, Cláudia. Problemas e impasses da avaliação de projetos e sistemas educacionais: dois estudos de caso. *Avaliação Educacional*, São Paulo, p. 7-26, jul./dez. 1991.

IDEB. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*. Formação em Ação, 2012. Disponível em:
http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/File/CIENCIAS_IndicedeDesenvolvimentodaEducaçãobásica.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Informe estatístico do MEC revela melhoria do rendimento escolar. 1998. Disponível em:
http://portal.inep.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=10157&articleId=19141&version=1.0. Acesso em: 22 maio 2023.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de Pesquisa: Ação Educativa*, v. 41, n. 144, p. 752-775, set./dez. 2011. (Coleção Em Questão, n. 6).

MACHADO, Márcia Rodrigues. *A evasão nos cursos de agropecuária e informática/nível técnico da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes (MG, 2002 a 2006)*. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

NERI, Marcelo Cortês. *Tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

PELLISSARI, L. *O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

QUEIROZ, L. D. Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar. 2002. Disponível em: <http://www.....>. Acesso em: 25 maio 2023.

RIBEIRO, Sergio Costa. A pedagogia da repetência. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 5, n. 12, p. 7-21, maio/ago. 1991.

RIFFEL, S. M.; MALACARNE, V. Evasão escolar no ensino médio: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina, PR. 2010.

RUMBERGER, R. Dropping out of middle school: a multilevel analysis of students and schools. *American Educational Research Journal*, v. 32, n. 4, p. 583-625, 1995.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, jul./dez. 2004.

STEIMBACH, Allan Andrei. *Juventude, escola e trabalho: razões de permanência e do abandono no curso técnico em agropecuária integrado*. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

TOGNI, Ana Cecília; SOARES, Marie Jane. A escola noturna de ensino médio no Brasil. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 44, p. 61-76, 2007.

UOL EDUCAÇÃO. Brasil tem 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países, diz PNUD. 2013. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm>. Acesso em: 14 maio 2023.